

POLÍTICAS E SERVIÇOS DE SAÚDE 4

LUIS HENRIQUE ALMEIDA CASTRO
(ORGANIZADOR)



POLÍTICAS E SERVIÇOS DE SAÚDE 4

LUIS HENRIQUE ALMEIDA CASTRO
(ORGANIZADOR)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof^a Dr^a Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof^a Dr^a Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Antonio Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Luis Henrique Almeida Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P769 Políticas e serviços de saúde 4 / Organizador Luis Henrique Almeida Castro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-815-1

DOI 10.22533/at.ed.151210102

1. Saúde. I. Castro, Luis Henrique Almeida (Organizador). II. Título.

CDD 613

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A obra “Políticas e Serviços de Saúde” compila 85 trabalhos técnicos e científicos originais produzidos por acadêmicos, docentes e pesquisadores de diversas Instituições de Ensino no Brasil; os textos – que abrangem diversas metodologias de pesquisa – refletem o caráter plural e multidisciplinar desta temática trazendo ao leitor não só o panorama atual das políticas públicas de saúde, mas também como os aspectos biopsicossociais e ambientais característicos de nosso país permeiam este cenário.

Este E-Book foi dividido em quatro volumes que abordam, cada qual, fatores os intrínsecos ligados à política e serviços no âmbito da saúde no Brasil, respectivamente: “Clínica em Saúde”, que traz majoritariamente revisões e estudos de caso no intuito de fornecer novas possibilidades terapêuticas; “Diversidade Social” que tem como foco as ações práticas da comunidade científica no contexto da atuação profissional em coletividades; “Educação em Saúde”, volume que apresenta, discute e/ou propõe opções inclusivas para o ensino de saúde em ambiente comunitário, hospitalar e escolar; e, por fim, “Epidemiologia & Saúde” que compila estudos, em sua maioria observacionais, com foco na análise da transmissão de doenças comuns no cenário nacional ou ainda investigam novas abordagens para o estudo do tema.

Agradecendo o empenho dos autores na construção dessa obra, explicita-se o desejo de que esta leitura contribua para a ampliação do conhecimento científico das políticas públicas nacionais em saúde e também que possa contribuir para novos estudos.

Boa leitura!

Luis Henrique Almeida Castro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AUMENTO DOS CASOS DE SÍFILIS EM GESTANTES E SÍFILIS CONGÊNITA EM UMA MATERNIDADE DE REFERÊNCIA NO MUNICÍPIO DE GARANHUNS-PE

Lucivânia Machado da Silva Bernardo
Rosálva Raimundo da Silva
Geyssyka Morganna Soares Guilhermino
Thércia Mayara Oliveira Feitosa

DOI 10.22533/at.ed.1512101021

CAPÍTULO 2..... 15

COLONIZAÇÃO INTRADOMICILIAR E INFECÇÃO NATURAL DE TRIATOMÍNEOS VETORES DA DOENÇA DE CHAGAS EM PERNAMBUCO NO PERÍODO DE 2007 A 2015

Paula Braga Ferreira Silva
Bárbara Morgana da Silva
Gênova Maria de Oliveira Azevedo
Michelle Caroline da Silva Santos
José Alexandre Menezes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1512101022

CAPÍTULO 3..... 26

DENGUE: TRANSMISSÃO, ASPECTOS CLÍNICOS E ECOEPIDEMIOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DO IPOJUCA, PERNAMBUCO - BRASIL

Hallysson Douglas Andrade de Araújo
Jussara Patrícia Monteiro Vasconcelos
Giseli Mary da Silva
Tháís Nascimento de Almeida Siqueira
Thierry Wesley de Albuquerque Aguiar
Adriana Maria da Silva
Emily Gabriele Marques Diniz
Letícia da Silva Santos
Kaio Henrique de Freitas
André de Lima Aires
Andrea Lopes de Oliveira
Juliana Carla Serafim da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1512101023

CAPÍTULO 4..... 34

DIFICULDADES NO USO DE ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS PARA A SAÚDE PÚBLICA: METANÁLISE DE ESTUDOS EM PERNAMBUCO

Caio Swame Santiago Paulino
Lucas Luan Raimundo Bezerra dos Santos Silva
Cristiane Gomes Lima

DOI 10.22533/at.ed.1512101024

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 5 | 47 |
| ESTUDO TRANSVERSAL SOBRE AS PRÓTESES SOBRE IMPLANTES REALIZADAS NO CENTRO DE ESPECIALIDADES ODONTOLÓGICAS DA UNIOESTE | |
| Andressa Mara Cavazzini Veridiana Camilotti Márcio José Mendonça | |
| DOI 10.22533/at.ed.1512101025 | |
| CAPÍTULO 6 | 52 |
| FERRAMENTAS DO DATASUS PARA O ESTUDO DE MICOLOGIA MÉDICA | |
| Marina Cristina Gadêlha Deisiany Gomes Ferreira Beatriz Vesco Diniz Melyssa Fernanda Norman Negri | |
| DOI 10.22533/at.ed.1512101026 | |
| CAPÍTULO 7 | 61 |
| IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, EPIDEMIOLÓGICA E LABORATÓRIO DE SAÚDE PÚBLICA NA ELUCIDAÇÃO DE SURTOS DE DOENÇA DE TRANSMISSÃO HÍDRICA E ALIMENTAR | |
| Andreia de Oliveira Massulo Sonia Aparecida Viana Câmara | |
| DOI 10.22533/at.ed.1512101027 | |
| CAPÍTULO 8 | 69 |
| INCIDÊNCIA E MORTALIDADE POR CÂNCER DO COLO DO ÚTERO EM MULHERES INDÍGENAS NO BRASIL | |
| Silene da Silva Correa Vanusa Manfredini | |
| DOI 10.22533/at.ed.1512101028 | |
| CAPÍTULO 9 | 81 |
| INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA EM UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO | |
| Cilas Galdino Júnior Paulete Maria Ambrósio Maciel Janine Pereira da Silva Gulliver Fabrício Vieira Rocha Maria Carlota de Rezende Coelho | |
| DOI 10.22533/at.ed.1512101029 | |
| CAPÍTULO 10 | 94 |
| INTERNAÇÕES POR DOENÇAS RELACIONADAS AO SANEAMENTO BÁSICO INADEQUADO NO ESTADO DO PARÁ | |
| Tayane Moura Martins | |
| DOI 10.22533/at.ed.15121010210 | |

CAPÍTULO 11..... 104

NOVO VÍRUS (COVID 19) – SITUAÇÃO QUE O BRASIL SE ENCONTRAVA NA CHEGADA DO VÍRUS E CONSEQUÊNCIAS DAS MEDIDAS ADOTADAS

Flávio Narciso Carvalho
Aíla Dias Nepomuceno
Maria Eduarda Meneguitte Teixeira
Marcos Henrique de Castro E Souza
Nicolly Cardoso Tagliati Rodrigues
Rágila Miriã de Oliveira dos Santos
Antonio Marcio Resende do Carmo
Pamella Carolina de Sousa Pacheco Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.15121010211

CAPÍTULO 12..... 114

O PROCESSO DE TRABALHO E OS EFEITOS SOBRE A SAÚDE DOS DOCENTES DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE

Tiago de Oliveira Cruz
Luiz Felipe Silva Lima
Luciana Ribeiro da Silva Peniche
Eder Ferreira de Arruda

DOI 10.22533/at.ed.15121010212

CAPÍTULO 13..... 127

O USO DOS RECURSOS ERGOGÊNICOS E SUPLEMENTAÇÃO POR PRATICANTES DE MUSCULAÇÃO

André Luis do Nascimento Mont Alverne
Ronaldo César Estácio Cunha
Vitor Viana da Costa
Lívia Silveira Duarte Aquino
Carlos Alberto da Silva
Paula Matias Soares
Welton Daniel Nogueira Godinho
Guilherme Nizan Silva Almeida
André Accioly Nogueira Machado
Joana Aldina dos Santos Pinheiro Sampaio
Mabelle Maia Mota
Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho

DOI 10.22533/at.ed.15121010213

CAPÍTULO 14..... 138

PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO E CRITÉRIOS DIAGNÓSTICOS DOS PACIENTES DE HANSENÍASE DO HCFMRP-USP NO PERÍODO DE 2010-2015

Laura Boldrin Cardoso de Souza
Fernanda André Martins Cruz Perecin
João Carlos Lopes Simão
Elis Lippi Ângela Alves da Costa
Marco Andrey Cipriani Frade

DOI 10.22533/at.ed.15121010214

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 15..... | 150 |
| PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR NEOPLASIA MALIGNA DO COLO DO ÚTERO NOS ÚLTIMOS 5 ANOS NO BRASIL | |
| Flavia Danielle Souza de Vasconcelos | |
| Ana Cláudia da Silva Fernandes Duarte | |
| Davi Wesley Ramos do Nascimento | |
| Ana Kelly da Silva Fernandes Duarte | |
| Antonio Paulo Reis de Amorim Lisboa | |
| Matheus dos Santos do Nascimento Carvalho | |
| Camila Maria Beder Ribeiro Girish Panjwani | |
| DOI 10.22533/at.ed.15121010215 | |
| CAPÍTULO 16..... | 161 |
| RELAÇÃO DA CONDIÇÃO CLÍNICO FUNCIONAL COM CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS, TERAPÊUTICAS E LOCOMOTORAS DE IDOSOS RESIDENTES NA ZONA RURAL | |
| Danubya Marques de Deus | |
| Juliana Carvalho Schleder | |
| Clóris Regina Blanski Grden | |
| Luciane Patrícia Andreani Cabral | |
| Danielle Bordin | |
| DOI 10.22533/at.ed.15121010216 | |
| CAPÍTULO 17..... | 173 |
| TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS EM TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO: PERFIL DOS AFASTAMENTOS DE SAÚDE NA REDE PÚBLICA DE ENSINO | |
| Bárbara de Oliveira Figueiredo | |
| Luiz Sérgio Silva | |
| Tiago Ricardo Moreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.15121010217 | |
| CAPÍTULO 18..... | 190 |
| VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA CRIANÇAS: CARACTERIZAÇÃO DOS CASOS NOTIFICADOS NO ESPÍRITO SANTO | |
| Franciéle Marabotti Costa Leite | |
| Márcia Regina de Oliveira Pedroso | |
| Bruna Venturin | |
| Letícia Peisino Bulerirano | |
| Odelle Mourão Alves | |
| DOI 10.22533/at.ed.15121010218 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR..... | 201 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 202 |

CAPÍTULO 15

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS INTERNAÇÕES POR NEOPLASIA MALIGNA DO COLO DO ÚTERO NOS ÚLTIMOS 5 ANOS NO BRASIL

Data de aceite: 01/02/2021

Data de submissão: 06/11/2020

Flavia Danielle Souza de Vasconcelos

Acadêmica de medicina, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Maceió-Alagoas
<http://lattes.cnpq.br/0158574883419625>

Ana Cláudia da Silva Fernandes Duarte

Acadêmica de medicina, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Maceió-Alagoas
<http://lattes.cnpq.br/7043943147884031>

Davi Wesley Ramos do Nascimento

Acadêmico de medicina, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Maceió-Alagoas
<http://lattes.cnpq.br/6831905587539544>

Ana Kelly da Silva Fernandes Duarte

Acadêmica de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca
Maceió-Alagoas
<http://lattes.cnpq.br/4556096479873889>

Antonio Paulo Reis de Amorim Lisboa

Acadêmico de medicina, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Maceió-Alagoas
<http://lattes.cnpq.br/7044739045477951>

Matheus dos Santos do Nascimento Carvalho

Acadêmico de medicina, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Maceió-Alagoas
<http://lattes.cnpq.br/7452683068419267>

Camila Maria Beder Ribeiro Girish Panjwani

Patologista bucal e docente do curso de medicina, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Maceió-Alagoas
<http://lattes.cnpq.br/5019794430496351>

RESUMO: O câncer de colo de útero é um desafio para a saúde pública brasileira, sendo um importante responsável pela mortalidade feminina. À vista disso, o objetivo deste estudo foi analisar as características epidemiológicas das internações por câncer de colo uterino no Brasil de 2015 a 2019. Trata-se de um estudo exploratório, quantitativo, com abordagem descritiva, realizado com dados notificados no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH), disponibilizado pelo DATASUS. Foram registradas 107.573 internações, com prevalência de casos em mulheres pardas, entre 40 e 49 anos, com maioria de caráter urgente e mais ocorrente no Sudeste. Constatou-se a necessidade de potencializar as ações de detecção no país.

PALAVRAS-CHAVE: Neoplasias do Colo do Útero; Epidemiologia; Saúde da mulher.

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE OF HOSPITALIZATION DUE TO CERVICAL CANCER IN THE LAST 5 YEARS IN BRAZIL

ABSTRACT: Cervical cancer is a challenge for Brazilian public health, being a major contributor to female mortality. In view of this, the objective

of this study was to analyze the epidemiological characteristics of hospitalizations for cervical cancer in Brazil from 2015 to 2019. This is an exploratory, quantitative study, with a descriptive approach, conducted with data reported in the SUS Hospital Information System (SIH), made available by DATASUS. 107,573 hospitalizations originated, with a prevalence of cases in brown women, between 40 and 49 years, with a majority of urgent character and more frequent in the Southeast. It was noted the need to enhance detection actions in the country.

KEYWORDS: Cervical Neoplasms; Epidemiology; Women's health.

1 | INTRODUÇÃO

O câncer de colo uterino (CCU) constitui-se como um problema de saúde pública no Brasil. Essa patologia é caracterizada pela replicação desordenada do epitélio de revestimento do órgão, comprometendo o tecido subjacente (estroma), sendo capaz de invadir estruturas e órgãos contíguos ou a distância (MOREIRA e CARVALHO, 2020; BRASIL, 2013).

Dentre suas causas verifica-se, majoritariamente, a infecção persistente via subtipos oncogênicos do Papilomavírus Humano (HPV), transmitido sexualmente, como infecção responsável por cerca de 70% dos cânceres cervicais. Estima-se que haja 200 genótipos do HPV, dezoito dos quais estão intimamente relacionados com o desenvolvimento do CCU, com destaque para os genótipos 16 e 18, que correspondem a 90% dos casos. Na maioria das vezes a infecção cervical pelo HPV é transitória e regride espontaneamente, entre seis meses a dois anos após a exposição, todavia, no pequeno número de casos nos quais a infecção persiste é causada por um tipo viral oncogênico que pode gerar o desenvolvimento de lesões precursoras, cuja identificação e tratamento precoce adequado possibilita a prevenção da progressão para o carcinoma cervical invasivo (LOPES e RIBEIRO, 2019; CARVALHO et al., 2018; BRASIL, 2013).

Além dos aspectos relacionados à infecção pelo HPV (tipo genotípico, carga viral, infecção única ou múltipla, etc), outros fatores ligados à imunidade, às características genéticas e ao comportamento sexual influenciam nos mecanismos, ainda incertos, que determinam a regressão ou a persistência da infecção, bem como a progressão para lesões precursoras ou câncer. Ademais, a idade também interfere nesse processo, assim como, o tabagismo que potencializa o risco para o desenvolvimento do CCU (BRASIL, 2013).

Esse tipo de neoplasia maligna é prevenível e curável, mas dados mostram que ainda tem grande impacto na vida de milhares de mulheres, especialmente nas regiões menos desenvolvidas (RIBEIRO, 2019). Conforme o Instituto Nacional de Câncer (2019), o CCU tornou-se o quarto tipo de câncer mais frequente em todo o mundo, com aproximadamente 570 mil novos casos. Além disso, estima-se que ocorra cerca de 275.000 óbitos por ano no mundo, no qual 85% dos casos sejam atribuídos a países em desenvolvimento e mulheres de baixa ou média renda (BARBOSA et al., 2016).

Embora observe-se taxas elevadas de incidência, a mortalidade por esta neoplasia

é evitável, haja vista a existência de ações de controle, tecnologias para o diagnóstico e tratamento de lesões precursoras, o que permite a cura em quase 100% dos casos na fase inicial (FERNANDES et al., 2019).

A realização periódica do exame citopatológico permanece como estratégia mais amplamente adotada para o rastreamento de lesões precursoras do câncer do colo do útero, sendo indicado pelo Ministério da Saúde, que preconiza como grupo prioritário para realização deste exame mulheres entre 25 e 64 anos que tenham iniciado a atividade sexual (MOREIRA e CARVALHO, 2020).

Neste contexto, dados mostram que o aumento do acesso ao exame preventivo no Brasil não foi suficiente para diminuir a evolução dos casos que avançam para o óbito. O prognóstico no câncer de colo uterino depende da extensão da doença no momento do diagnóstico, no qual a mortalidade está fortemente associada ao diagnóstico em estágios mais avançados (CARVALHO et al., 2018).

Desse modo, tendo em vista a relevância dessa doença e seu potencial para a ação dos sistemas de saúde, o conhecimento da carga desta patologia é pertinente para o planejamento e avaliação das políticas de controle do CCU, assim como para os métodos de triagem implementados de forma maneira que sejam mais efetivos para detecção precoce e tratamento, direcionadas às áreas de maior vulnerabilidade e risco (BARBOSA et al., 2016).

Nessa perspectiva, diante da incidência significativa desse tipo de câncer e as dificuldades do diagnóstico precoce, torna-se imprescindível conhecer o perfil atualizado das mulheres que desenvolveram câncer do colo do útero, uma vez que o fundamento para a elaboração de programas de prevenção eficientes e a melhora da assistência dos serviços de saúde está associado à esse tipo de análise. Dessa maneira, este estudo tem como objetivo analisar o perfil epidemiológico das internações por neoplasia maligna do colo do útero nos últimos 5 anos no Brasil, no qual espera-se contribuir para o aprimoramento das estratégias de diagnóstico precoce e rastreamento.

2 | METODOLOGIA

Realizou-se um estudo exploratório, quantitativo, retrospectivo, com abordagem descritiva, a partir de dados secundários, obtidos pelo Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), sobre a epidemiologia das internações de pacientes portadores de neoplasia maligna do colo do útero no Brasil em estabelecimentos públicos e privados, durante o período de 2015 a 2019. Ao obter os dados, foram analisadas as seguintes variáveis: internação, caráter de atendimento, regiões do país, raça/etnia, faixa etária e número de óbitos. Por se tratar de um estudo efetuado mediante ao uso de dados secundários e de domínio público, dispensou-se a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, de acordo com o

preconizado pelas Resoluções 466/2012 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante a análise dos dados mais atuais das estatísticas nacionais, verificou-se que durante os últimos 5 anos (janeiro de 2015 a dezembro de 2019), no Brasil, ocorreram 107.573 internações por neoplasia do colo do útero, sendo este o quarto câncer mais recorrente na população feminina do país (TALLON et al., 2020). A tabela 1 abaixo mostra como esse total é distribuído entre os anos analisados.

| Ano | Casos |
|------|--------|
| 2015 | 20.310 |
| 2016 | 20.310 |
| 2017 | 21.143 |
| 2018 | 22.044 |
| 2019 | 23.766 |

Tabela 1 – Internações de acordo com o ano de processamento.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

Por meio da análise dos dados presentes na tabela 1, é possível observar o aumento do número de internações por CCU a cada ano. Isso pode ser explicado tanto pela ampliação na taxa de acesso ao exame diagnóstico, bem como pelo aumento de casos identificados em estágios avançados da doença que geralmente necessitam de intervenção médica imediata (THULER et al., 2014; TALLON et al., 2020). Nesse cenário, deve-se ressaltar que houve concordância dos dados com a literatura, devendo ser enfatizado que a ampliação de acesso, diagnóstico de qualidade e tratamento efetivo para o câncer de colo de útero foram inseridos entre os 16 Objetivos Estratégicos do Ministério da Saúde no período entre 2011-2015, o que também pode ter contribuído para aumentar a atenção a essa doença e, conseqüentemente, o número de casos (BARBOSA et al., 2016)

Ao verificar o caráter de atendimento das internações, presentes na tabela 2, observa-se não apenas o crescimento da quantidade de casos, mas também de pacientes que precisam de atendimento de urgência. Assim, constata-se, de maneira geral, que do total de atendimentos hospitalares 52,5% das ocorrências foram de urgência e que no ano de 2019, ocorreu um aumento de 7,9% em relação ao ano de 2018, o que pode indicar falhas na capacidade preventiva da doença, uma vez que o câncer uterino demora vários anos para se desenvolver e as alterações celulares acarretadas por este são facilmente descobertas no exame preventivo, que deve ser realizado periodicamente a cada três anos

após dois exames anuais sucessivos negativos (BRASIL, 2016). Nesse sentido, conforme estimativas de cobertura do rastreamento no Sistema Único de Saúde (SUS), calculadas pelos dados registrados nos sistemas de informação do SUS, verificam-se níveis de cobertura no país inferiores a 50% (RIBEIRO et al., 2019).

| Ano | Eletivo | Urgência |
|--------------|----------------|-----------------|
| 2015 | 48% | 52% |
| 2016 | 47,9% | 52,1% |
| 2017 | 45,9% | 54,1% |
| 2018 | 47,75% | 52,25% |
| 2019 | 47,7% | 52,3% |
| Total | 47, 5% | 52,5% |

Tabela 2 – Internações de acordo com o caráter de atendimento e ano de processamento.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

Examinando as regiões do país associadas à ocorrência do CCU no período proposto, o que pode ser analisado na tabela 3, nota-se o destaque da região sudeste com o maior número de casos, concentrando 39,85% do total. Seguida pela região nordeste com 27,18%. Naturalmente, o Sudeste se sobressai com maior número de eventos por ser a região mais populosa do país. Já o Nordeste, que possui a segunda maior quantidade de casos, se destaca tanto pelas suas características socioeconômicas quanto pela quantidade de habitantes, visto que é a segunda região mais populosa do Brasil. Desse modo, deve-se destacar a concordância dessas estatísticas com estudos realizados anteriormente no país, de modo que o fato das duas regiões, de diferentes indicadores de qualidade de vida, apresentarem dados expressivos de câncer uterino foi apontado como um indicador da dificuldade de mensurar as tendências da mortalidade ou a carga de doença representada pelo CCU em regiões onde a qualidade dos registros de morte é baixa (GAMARRA, 2010).

| Região | Casos |
|---------------|--------------|
| Norte | 7.165 |
| Nordeste | 29.171 |
| Sudeste | 42.870 |
| Sul | 20.801 |
| Centro-Oeste | 7.566 |

Tabela 3 – Internações de acordo com a região e o ano de processamento.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

Quanto os dados sobre raça/etnia, os quais podem ser observados na tabela 4, percebe-se o elevado número de mulheres pardas como principais afetadas, com taxa de 42,75% do total. As mulheres brancas também se destacam com 37%, ocupando o segundo lugar de etnia mais afetada. Esse resultado pode estar relacionado a maioria das brasileiras se identificarem como pardas ou brancas, conforme o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Cabe enfatizar que a literatura evidenciou a raça/etnia como uma variável que pode ser influenciada por vários fatores, tais como pobreza e ao pouco acesso aos serviços de saúde e à falta de plano de saúde (THULER et al., 2014). Além disso, é importante ressaltar que o Brasil é um país significativamente miscigenado, o que pode também interferir nessa variável (FERES et al., 2018).

| Raça/etnia | Casos | Percentual |
|-------------------|--------------|-------------------|
| Branca | 39.846 | 37% |
| Preta | 5.225 | 4,85% |
| Parda | 45.986 | 42,75% |
| Amarela | 1.416 | 1,3% |
| Indígena | 122 | 0,2% |
| Sem informação | 14.978 | 13,9% |

Tabela 4 – Internações de acordo com a raça/etnia.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

Em relação à faixa etária, também foi constatado concordância com a literatura (FERES, et al., 2018), de modo que as mulheres entre 40 e 49 anos se sobressaem como as mais afetadas, com taxa de 26,6% dos casos, como expressa a tabela 5. Em segunda posição estão as mulheres entre 30 e 39 anos com 22,3%, seguidas por aquelas entre 50 e 59 anos com 21%. Além disso, notou-se que as mulheres entre 20-29 anos apresentam uma taxa de incidência de 6%, sendo o grupo menos atingido pela doença. De maneira geral, as mais atingidas concentram-se no intervalo de 30 a 59 anos. Neste contexto, ao comparar os resultados com estatísticas a nível mundial verificou-se que nos países desenvolvidos, como o Estados Unidos, mulheres com mais idade têm sido mais frequentemente diagnosticadas em estado avançado do que aquelas mais jovens, o que foi associado à deficiências na cobertura, à negligência para realização do exame de rastreamento e a diminuição das buscas da assistência ginecológica na pós-menopausa, fatores que também podem estar relacionados aos dados encontrados no estudo (CONDE, 2017).

| Idade | Casos | Percentual |
|--------------|--------------|-------------------|
| 20-29 | 6.478 | 6% |
| 30-39 | 23.971 | 22,3% |
| 40-49 | 28.606 | 26,6% |
| 50-59 | 22.581 | 21,0% |
| 60-69 | 15.301 | 14,2% |
| 70-79 | 7.865 | 7,3% |

Tabela 5 – Internações de acordo com a faixa etária.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

Em relação aos óbitos, constata-se que ocorreram 12.531 mortes por CCU, os quais a distribuição ao longo dos anos é representada na tabela 6, sendo a mortalidade verificada nesse período 11, 65%. Ao comparar esse resultado, com países que possuem menor incidência do câncer do colo de útero, por possuírem programas de detecção precoces bem estruturados, como o Canadá, é possível perceber o quanto a situação é discrepante, de modo que o número de óbitos em razão da doença registrados em 2011 neste país foi 350 mulheres (BRASIL, 2013; CONDE, 2017). De acordo com o exposto na tabela 6, observa-se que a quantidade de óbitos permanece relativamente constante durante os últimos 5 anos. Ademais, destaca-se 2019 como o ano de maior incidência, todavia, com crescimento pouco relevante.

| Ano | Casos |
|--------------|---------------|
| 2015 | 2.278 |
| 2016 | 2.375 |
| 2017 | 2.494 |
| 2018 | 2.625 |
| 2019 | 2.759 |
| Total | 12.531 |

Tabela 6 – Óbitos de acordo com o ano de processamento.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

Verificando-se o caráter de atendimento dos casos que evoluíram para óbito de acordo com o ano de processamento, presente na tabela 7, percebe-se a permanência de casos graves que cursam com a morte, de modo expressar preocupações à vista dessa permanência de taxas elevadas que se mantém ao longo dos anos.

| Ano | Eletivo | Urgência |
|--------------|----------------|-----------------|
| 2015 | 25,1% | 74,9% |
| 2016 | 27,5% | 72,5% |
| 2017 | 24,8% | 75,2% |
| 2018 | 26,7% | 73,3% |
| 2019 | 25,7% | 74,3% |
| 2015 | 25,1% | 74,9% |
| Total | 26% | 74% |

Tabela 7 – Óbitos de acordo com o caráter de atendimento e ano de processamento.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

Ao relacionar a raça/etnia e os óbitos, presentes na tabela 8, constata-se que o elevado número de mulheres pardas, as quais são mais acometidas pela doença, constituem também a elevada parcela que mais evolui para óbitos durante o período analisado, com um total de 44,4% dos casos que cursaram com a morte. Esses resultados mostraram convergência com outros estudos da literatura, tais como revelam dados do Estados Unidos que apresentou taxas de sobrevivência maiores em mulheres brancas (71%) em comparação com as negras 57%, segundo informações da *Surveillance Epidemiology and End Results* de 1986 e 1993, e um estudo regional do estado de Minas Gerais que apresentou sobrevivência semelhante, sendo mulheres brancas 75,9% e nas não brancas de 56%, estes resultados foram relacionados às possíveis desigualdades no acesso ao diagnóstico e tratamento eficazes, o que também pode ser a explicação para os dados encontrados nessa variável (NAKAGAWA, 2011).

| Raça/etnia | Óbitos | Percentual |
|-------------------|---------------|-------------------|
| Branca | 4.192 | 33,4% |
| Preta | 683 | 5,5% |
| Parda | 5.566 | 44,4% |
| Amarela | 200 | 1,6% |
| Indígena | 20 | 0,2% |
| Sem informação | 1.870 | 14,9% |

Tabela 8 – Óbitos de acordo com a raça/etnia.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

No tocante aos óbitos associados à faixa etária, contidos na tabela 9, depreende-se que as mulheres entre 50 e 59 anos portadoras do CCU evoluem para óbito com maior frequência do que as demais, com uma taxa de 23,1%. Além disso, observa-se uma

quantidade de casos semelhantes presentes na faixa etária entre 40 e 49 anos, com 21,3% dos afetados. De modo geral, esses dados mostram que as mulheres que mais morrem em razão da doença são as de meia idade e as idosas, respectivamente. Nesse cenário, estudos mostraram que 20% a 25% dos exames preventivos da doença têm sido efetuados fora do grupo etário recomendado, de modo que metade deles foram realizados com um intervalo de um ano ou menos, sendo que o preconizado são três anos (BRASIL, 2016). Nesse contexto, essas deficiências na realização do exames, podem refletir nos resultados apresentados.

| Idade | Óbitos | Percentual |
|--------------|---------------|-------------------|
| 20-29 | 403 | 3,2% |
| 30-39 | 1.881 | 15% |
| 40-49 | 2.669 | 21,3% |
| 50-59 | 2.899 | 23,1% |
| 60-69 | 2.425 | 19,3% |
| 70-79 | 1.546 | 12,3% |
| Total | 12.531 | |

Tabela 9 – Óbitos por CCU de acordo com a faixa etária.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

Por fim, ao avaliar os óbitos distribuídos pelas regiões do Brasil em razão do CCU durante os últimos 5 anos, o que pode ser observado na tabela 10, percebe-se o destaque da região Sudeste concentrando o maior número de óbitos, com taxa de 40,9%, seguida pela região Nordeste, com 27,7%. Contudo, deve-se enfatizar que ao analisar esses resultados, o contingente populacional deve ser considerado, de modo que essas duas regiões possuem a primeira e a segunda maior população do país, respectivamente, como explicado anteriormente. Assim, ao averiguar a literatura, verificou-se que houve diminuição da mortalidade por câncer do colo do útero para as mulheres das regiões Sudeste e Sul, as mais desenvolvidas do País, à medida que ocorreu apenas entre mulheres residentes nas capitais, nas regiões Norte e Nordeste (GIRIANELLI, 2014). Nesse sentido, a estabilidade dos índices de mortalidade no país e a redução de casos apenas nas capitais, podem indicar que, apesar da melhora no rastreamento, é necessário a intensificação das medidas para que toda população possa ser contemplada e ter acesso aos serviços de cuidado, como expressa Ribeiro et al., 2019.

| Região | Óbitos | Percentual |
|---------------|--------|------------|
| Norte | 1.171 | 9,3% |
| Nordeste | 3.465 | 27,7% |
| Sudeste | 5.130 | 40,9% |
| Sul | 1.854 | 14,8% |
| Centro- Oeste | 911 | 7,3% |

Tabela 10 – Óbitos por CCU de acordo com a região.

Fonte: Elaboração dos autores [dados extraídos do SIH, 2020]

4 | CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos durante o estudo, é possível depreender que o panorama epidemiológico do câncer do colo do útero no Brasil, demonstra que o perfil dominante dos casos de internação pela doença é de mulheres pardas, com faixa etária entre 40 e 49 anos e de maior ocorrência na região Sudeste. Além disso, o maior percentual de casos de internações por CCU notificados apresentaram caráter urgente, de forma a expressar que ainda existem deficiências nas medidas de controle e de assistência, o que dificulta o diagnóstico precoce da doença.

Dessa forma, o estudo ratifica a necessidade de aperfeiçoar as ações de prevenção e detecção precoce do câncer de colo uterino vigentes, bem como de desenvolver novas estratégias, uma vez que mesmo com o aumento do acesso ao exame preventivo não foi possível diminuir a evolução dos casos que cursaram para o óbito.

Nesse sentido, ao entender a magnitude dos achados nesta pesquisa e considerando que o exame citopatológico é atualmente o método mais eficiente para prevenção, inferimos ser imprescindível a intensificação das políticas públicas voltadas para a realização desse exame, de forma a garantir o acesso ao atendimento e às estratégias de assistência à mulher, para facilitar a adesão do público.

Deve-se enfatizar a importância do monitoramento da epidemiologia das internações por câncer do colo uterino, de modo que sejam realizados estudos constantes, para que o aprimoramento das estratégias de diagnóstico precoce e rastreamento atendam às mudanças epidemiológicas ocorridas no período determinado. Assim, torna-se possível promover o aumento do diagnóstico precoce, minimizando a mortalidade da doença.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, I. R. et al. Desigualdades regionais na mortalidade por câncer de colo de útero no Brasil: tendências e projeções até o ano de 2030. *Revista Ciência & Saúde Coletiva* [online], v. 21, p.253- 262, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama. 2. ed. Brasília: Ed. Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica, n. 13, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Instituto Nacional de Câncer (Inca) . Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. Rio de Janeiro: Inca; 2016.

CARVALHO, G.; O'DWER G.; RODRIGUES P. Trajetórias assistenciais de mulheres entre diagnóstico e início de tratamento do câncer de colo uterino. Revista Saúde Debate, v.42 , p. 687- 701, 2018.

CONDE, C.R. A percepção da vulnerabilidade e representação do câncer de colo do útero.(Tese de doutorado).Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.

FERES, T. et al. Prevalência de câncer no colo uterino: Um estudo descritivo. Revista Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research, v.22, n.2, p.54-58, 2018.

FERNANDES, N. et al. Acesso ao exame citopatológico do colo do útero em região de saúde: mulheres invisíveis e corpos vulneráveis. Caderno de Saúde Pública, v.35, e00234618, 2019.

GAMARRA C.J. et al. Magnitude da mortalidade por câncer do colo do útero na Região Nordeste do Brasil e fatores socioeconômicos. Rev Panam Salud Publica, v.28, n.2, 100–6, 2010.

GIRIANELLI V.R. et al. Os grandes contrastes na mortalidade por câncer do colo uterino e de mama no Brasil. Rev Saude Publica, v.48, n.3, 459-467, 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico de 2010. Características da população e dos domicílios. Resultados do universo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2011.

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA).Coordenação de Prevenção e Vigilância. Estimativa 2020: Incidência de Câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA; 2019.

LOPES, S.; RIBEIRO, M. Fatores limitadores e facilitadores para o controle do câncer de colo de útero: uma revisão de literatura. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v.24, p. 3431-3442, 2019.

MOREIRA, L.; CARVALHO, D. Tendência de Realização da Citologia Oncótica e Fatores Associados em Mulheres de 25 a 64 anos. Revista Brasileira de Ciências da Saúde,v.24 , p. 17-28, 2020.

NAKAGAWA, J.T. et al . Carcinoma do colo do útero: taxa de sobrevida e fatores prognósticos em mulheres no Estado de Mato Grosso. Acta paul. enferm. São Paulo. 24(5),p.631-637, 2011.

RIBEIRO, C.M. et al. Parâmetros para a programação de procedimentos da linha de cuidado do câncer do colo do útero no Brasil. Cadernos de Saúde Pública [online]. v.35, n. 6, e00183118, 2019.

RIBEIRO, C.M. Rastreamento do câncer do colo do útero: uma análise da continuidade do cuidado base em sistemas de informações do SUS. 2019.159 f.Tese (Doutorado em saúde coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

TALLON, B. et al. Tendências da mortalidade por câncer de colo no Brasil em 5 anos (2012-2016). Saúde em Debate [online]. v. 44, n. 125 , pp. 362-371, 2020.

THULER, L. Determinantes do diagnóstico em estadió avançado do câncer do colo do útero no Brasil. Rev. Bras. Ginecol. Obstet., Rio de Janeiro, v. 36, n. 6, p. 237-243, 2014 .

ÍNDICE REMISSIVO

A

Atenção primária 3, 6, 7, 13, 70, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 171

C

Câncer de colo do útero 69, 73, 77, 160

Colonização intradomiciliar 15

Coronavírus 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113

Covid-19 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113

D

DATASUS 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 71, 72, 84, 96, 97, 102, 150, 151, 152

Dengue 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 95, 96, 97, 98, 99

E

Etnobotânica 34, 35, 37, 39

Exercício físico 132, 137, 166

H

Hanseníase 138, 139, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 149

I

Idosos 47, 49, 50, 65, 90, 93, 95, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Internação hospitalar 52, 56, 89, 97

M

Maternidade 1, 3, 5, 6, 9

Micologia médica 52, 53, 54, 55

Musculação 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136

N

Neoplasia maligna 150, 151, 152

O

Odontologia 47, 50, 51

P

Pandemia 104, 105, 106, 107, 110, 113

População indígena 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77

Prótese 47, 49, 50

R

Rede pública de ensino 173

S

Saneamento básico 28, 70, 94, 95, 96, 101, 102

Sars-cov-2 112

Saúde do trabalhador 67, 114, 115, 116, 121, 125, 126, 173, 174, 175, 183, 187, 188

Saúde indígena 70

Saúde Pública 1, 2, 12, 13, 14, 16, 21, 26, 28, 33, 34, 36, 37, 40, 43, 51, 53, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 69, 80, 93, 95, 103, 104, 105, 106, 125, 126, 141, 148, 150, 151, 160, 171, 172, 174, 186, 187, 198, 199

Sífilis congênita 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12, 13, 14

Sífilis gestacional 14

Surto 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 104, 106

T

Transtornos mentais 173, 176, 177, 178, 180, 186, 188

Triatomíneos 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25

U

Unidade de Pronto Atendimento 81, 84, 91

V

Vetores 15, 22, 23, 24, 25, 28, 32, 95, 98

Vigilância sanitária 44, 61, 64, 67

Violência infantil 198, 199, 200




Violência psicológica 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200

Z




Zona rural 9, 161, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Zoonoses 23, 67

POLÍTICAS E SERVIÇOS DE SAÚDE 4

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

POLÍTICAS E SERVIÇOS DE SAÚDE 4

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 